

A publicação do volume é feita sob o patrocínio do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Columbia, com assistência financeira da Fundação Ford.

PAULO P. DE CASTRO

*
* * *

LARAIA (Roque de Barros) e MATTA (Roberto da). — *Índios e castanheiros. (A empresa extrativa e os índios no médio Tocantins)*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967, 147 pp.

Há quatro séculos vem se propondo o problema das relações entre brancos e índios no Brasil e até hoje, após ter sido encarado sob os prismas religioso, racial, cultural e econômico, êle ainda não deixou de ser um problema. A exterminação de grande número de grupos indígenas e a sua assimilação pela população nacional reduziram os índios brasileiros a 2% da população atual. As perseguições e os conflitos sistemáticos ou esporádicos, o contágio de doenças desconhecidas antes do contacto com o europeu, a usurpação das terras necessárias a sua sobrevivência e o contacto desorganizador com grupos nacionais que dominam técnicas muito mais desenvolvidas colocaram os índios entre "os malditos da Terra". E ainda entre estes, a sua situação é particularmente trágica — a pequena densidade (100.000 para uma população total de 90.193.000) e a falta de recursos técnicos e de organização frente às instituições econômicas nacionais ou locais não lhes dão sequer recursos para se fazer ouvir. Por isso, gerações sucessivas de brailleiros ignoram totalmente a sua existência ou dêles recebem nas escolas e em livros didáticos uma imagem estereotipada, de seres infantis e ridículos, que podem se transformar em traiçoeiros assassinos. Em suas perambulações em busca da Terra sem Males, os índios têm encontrado apenas a Terra de todos os Males.

Os professores das escolas primárias e secundárias talvez pudessem modificar a situação do ensino a respeito dos índios brasileiros, através de uma visão mais realista e menos parcial, nos cursos de História, Geografia, Estudos Sociais e Organização Social e Política do Brasil. O trabalho dos etnólogos do Museu Paulista, do Museu Nacional e do Museu Emilio Goeldi pode ser uma das fontes para a modificação da perspectiva didática do problema indígena. O contacto maior com os diferentes grupos indígenas é capaz de torná-los menos estranhos aos indivíduos de outra cultura e, aos leitores dos trabalhos, apresenta as situações de contacto e de conflito através do ângulo do índio.

O livro aqui examinado é um desses trabalhos. Faz parte de um projeto mais amplo de estudo das áreas de fricção inter-étnica, como as denominou o autor do projeto e de estudos sobre os Terena e os Tukûna, o etnólogo Roberto Cardoso de Oliveira. Êste livro contém dois estudos, um sobre os Suruí e os Akuáwa-Asurini e outro sobre os Gaviões do Médio-Tocantins.

Nessa região de economia basicamente extrativa, os brasileiros ocupados com a coleta e o comércio da castanha, têm contacto permanente com os índios, mas estabelecem tipos diversificados de relações e conflitos, conforme deparem com sociedades tribais já destruídas ou ainda em processo de desorganização. A estrutura interna das sociedades tribais, seu sistema de poder e a história de seus contactos com os brancos revelam uma face da situação. A inovação dos estudos ini-

ciados por Roberto Cardoso de Oliveira e prosseguidos por Roque de Barros Laraia e Roberto da Matta foi apresentar paralelamente a estrutura social do grupo nacional com que os índios estabelecem o contacto. Isso permitiu mostrar como uma mesma atividade econômica, na mesma região geográfica provoca diferentes reações — a pacificação total dos Suruí e dos Asurini e a atitude agressiva dos Gaviões, reduzidos a menos de 50 indivíduos, mas que são proprietários de castanhas. Outra contribuição destes estudos é revelar a perspectiva do índio e, além disso, a diferenciação individual de reações à sociedade nacional, num mesmo grupo. Embora freqüentemente os estudos etnológicos sejam levados a negligenciar as diferenças individuais, a sua revelação tem grande importância para a “humanização” do índio — isto é, para permitir que êle rompa o estereótipo a que está amordaçado.

MIRIAM LIFCHITZ MOREIRA LEITE

*

* *

HORCH (Rosemarie). — *Brasiliana da Coleção Barbosa Machado*, in “Anais da Biblioteca Nacional”, vol. 83. 1953. Divisão de Publicação e Divulgação, 1967.

O trabalho da bibliotecária Rosemarie Erika Horch é mais uma valiosa contribuição da pesquisadora aos estudiosos da História do Brasil. O levantamento dos documentos da *Brasiliana* e a sua catalogação representam importante auxílio àquêles que buscam informações sobre assuntos brasileiros.

A coleção é composta de 3155 opúsculos e foi reunida, conforme a autora, pelo Abade de Sever, Diogo Barbosa Machado e apresentada em 146 volumes.

“Ocupando lugar de destaque na Real Biblioteca da Ajuda, a referida *Coleção* veio para o Brasil, trazida pelo príncipe regente D. João, quando para cá se transportou em 1808. Daí passou a ser o núcleo central da atual Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”.

Ramiz Galvão se interessou pela *Coleção* e procurou confeccionar o seu catálogo, entretanto, como os volumes dos *Anais*, onde se encontram publicados, estão esgotados, julgamos de importância a nova catalogação feita por Rosemarie Horch.

A autora procura dar aos estudiosos idéia do que contém a coleção e salienta no prefácio:

“Terminado o levantamento bibliográfico, oitenta anos após a última publicação sobre ela feita pelo Barão de Ramiz Galvão resolvemos trazer a público primeiramente a “*Brasiliana da Coleção Barbosa Machado*” atendendo a que o *Catálogo Geral* ainda demorará a ser publicado”.

O trabalho de Rosemarie Horch se compõe de duas partes distintas, além do Prefácio, nota explicativa e fontes bibliográficas:

1. — *A Brasiliana em Ordem Cronológica*.

Nesta parte, a Autora aborda os documentos referentes aos séculos XVI, XVII e XVIII e vai da página 21 à página 200.